

Reflexões sobre os usos de narrativas biográficas e suas implicações epistemológicas entre a Antropologia e a Educação¹

Alcides Fernando Gussi

Pesquisador CNPq-FUNCAP – UFC (Universidade Federal do Ceará)

Resumo: Este trabalho tem como intuito refletir sobre as possibilidades epistemológicas dos usos de narrativas biográficas em pesquisas que buscam as interfaces entre a antropologia e a educação. Inicialmente, trata-se de discutir, à luz de diferentes abordagens sobre a dimensão biográfica, acerca das narrativas como reveladoras de contextos sócio-históricos em que elas se inserem, como processos de constituição dos sujeitos, bem como o resultado do encontro entre o biografado e o pesquisador. Partindo dessa discussão, toma-se como foco analítico a noção de experiência - ou seja, o de que uma vida narrada constitui um entrelaçamento de experiências dos sujeitos no tempo e no espaço – e duas implicações epistemológicas quanto à problematização dessa noção: a primeira, a de que a experiência, vivida e narrada, constitui um processo de aprendizagem dos sujeitos; e a segunda, refere-se às relações entre experiência, aprendizagem e a intersubjetividade, fruto do envolvimento entre os sujeitos que narram e o pesquisador. Desse modo, busca-se aqui, ao se considerar a vida narrada como central para a construção do conhecimento, refletir quanto às possibilidades de compreender a experiência do Outro e aprender com ela, em um exercício que envolve simultaneamente as dimensões da alteridade e da aprendizagem, no entrecruzamento entre a antropologia e a educação.

Palavras-chave: Narrativas biográficas – Experiência – Aprendizagem.

Apresentação

*Seja o que for, era melhor não ter nascido,
Porque, de tão interessante que é a todos os momentos,
A vida chega a doer, a enjoar, a cortar, a roçar, a ranger,
A dar vontade de dar gritos, de dar pulos, de ficar no chão, de sair
Para fora de todas as casas, de todas as lógicas e de todas as sacadas,
E ir ser selvagem para a morte entre árvores e esquecimentos,
Entre tombos, e perigos e ausência de amanhã,
E tudo isto devia ser qualquer outra coisa mais parecida com o que eu penso,
Com o que eu penso ou sinto, que eu nem sei qual é, ó vida.
(Fernando Pessoa in “Passagem das horas”)*

A vida narrada, um entrelaçamento de experiências evocadas pelos sujeitos - tal como Fernando Pessoa intensamente nos lembra na “Passagem das Horas”, “de tão interessante que é a todos os momentos” – é posta aqui como central para a construção

¹ Trabalho apresentado na 26ª. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de junho, Porto Seguro, Bahia, Brasil.

do conhecimento que se depreende de pesquisas que buscam interfaces entre a antropologia e a educação e que fazem uso da abordagem biográfica². Mas que implicações epistemológicas podem decorrer quando se privilegia, em uma pesquisa, a vida do Outro?

Este trabalho tem como intuito responder essa indagação realizando uma reflexão teórico-metodológica a partir da minha experiência anterior nos usos da abordagem biográfica, que esteve presente em vários momentos de minha trajetória acadêmica. Ela constituiu-se em um recurso metodológico utilizado na dissertação de mestrado onde construí histórias de vida de descendentes de imigrantes norte-americanos do interior de São Paulo (Gussi, 1997). Posteriormente, escrevi dois artigos problematizando e utilizando a abordagem biográfica: o primeiro, a partir da reflexão de um filme do diretor Woody Allen sobre a trajetória de um (fictício) violonista de jazz norte-americano (Gussi, 2002); e o segundo, por meio de um fragmento biográfico que construí sobre o antropólogo Néstor Perlongher, conhecido por seus estudos de gênero (Gussi, 2004). Finalmente, realizei pesquisa sobre o mundo do trabalho bancário por meio de construção de narrativas biográficas de trabalhadores de um ex-banco público estadual à época recém-privatizado, que resultou em tese de doutorado (Gussi, 2005).

Para tanto, parto do pressuposto que a abordagem biográfica pode ser considerada em três aspectos, tal qual como Kofes (1994) afirma, quando, especificamente, se refere às “*estórias de vida*”: primeiro, ela é uma *fonte de informação* sobre o contexto social; segundo, ela é uma *evocação* do sujeito; terceiro, ela é uma *reflexão*, resultado da relação entre o biografado e o pesquisador. Contudo, esses três aspectos da abordagem biográfica trazem à tona algumas oposições que estão, quase sempre, postas quando se utiliza tal abordagem: entre indivíduo e sociedade, sujeito e estrutura social, e subjetividade e objetividade.

Este trabalho propõe considerar esses três aspectos e as oposições deles decorrentes, tomando como foco de referência analítico a noção de experiência e duas implicações epistemológicas decorrentes da problematização dessa noção: a primeira, a de que a experiência constitui um processo de aprendizagem dos sujeitos; e a segunda, refere-se às relações entre experiência, aprendizagem e a intersubjetividade, fruto do envolvimento entre os sujeitos que narram nas estórias de vida e o pesquisador.

² Utilizo o termo “*abordagem biográfica*” no seu sentido amplo, o que inclui suas várias modalidades: as “*estórias de vida*” (“*life stories*”, “*récits de vie*”), aquelas que são contadas pela própria pessoa que as vive, “*histórias de vida*” (“*life history*”, “*récits de vie*”), aquelas onde há uso de outras fontes além da contada pela pessoa que as vive; “*biografias*”; e “*autobiografias*”.

Este trabalho está dividido em partes, onde farei: (1) a discussão da abordagem biográfica em três diferentes aspectos, quais sejam, como informação do contexto social, como evocação do sujeito e como interpretação do autor; (2) a problematização da noção de experiência na abordagem biográfica; (3) a articulação entre as noções de experiência e de aprendizagem, e (4) entre essas duas últimas, a intersubjetividade e a reflexão autobiográfica; (5) finalmente, algumas considerações finais quanto às possibilidades epistemológicas da dimensão biográfica.

1. A abordagem biográfica, em diferentes aspectos

Perguntado em uma entrevista o que o levara a escrever, nas suas duas últimas obras, duas biografias, a do rei francês Luís IX, canonizado São Luís, e a de São Francisco de Assis, o historiador francês Jacques Le Goff responde: “... *quando faço uma biografia, penso que devo, por meio do personagem, chegar a uma explicação da sociedade daquele tempo. O que é excitante é que preciso fazer isso de um modo rigoroso, e não literário, pois trata-se de um trabalho histórico.*”³

A resposta de Le Goff remete para um primeiro aspecto da abordagem biográfica: ela informa sobre o contexto social de uma época.

Segundo Bertaux, tal aspecto circunscreve-se ao “*tipo de objeto sociológico*” que se pretende investigar na abordagem biográfica: “*On aura remarqué en effet que certains chercheurs ont choisi de se concentrer sur des structures et des processus ‘objectifs’, tandis que d’autres ont pris pour objet des structures et des processus ‘subjectifs’*” (Bertaux, 1980, p. 203). No caso do aspecto apontado por Le Goff, reforça-se mais o estudo da estrutura social do que propriamente a ação dos sujeitos.

Outro autor, Becker, reforça também esse aspecto. Para ele, se a narrativa romanceada de uma biografia revela “*a imaginação e a subjetividade*”, ao sociólogo cabe fazer “*la restitution fidèle de l’expérience du sujet et son interprétation du monde où il vit*” (Becker, 1986, p. 105). Para tanto, segundo o autor:

“*Le chercheur guide l’interviewé vers les thèmes qui intéressent la sociologie; il lui demande de préciser certains événements; il vise à ce que son récit ne soit pas en désaccord avec les rapports établis sur lui par les institutions où il est passé, avec les témoignages fournis par d’autres individus qui le connaissent ou qui connaissent les événements ou les lieux décrits*” (Becker, 1986, p. 106)

³ In. *Globalização deve desocidentalizar a história*, diz Le Goff. Folha de São Paulo, 15/02/2001.

Poderíamos pensar, a partir das considerações de Becker, que, se assim não proceder, o pesquisador estaria fazendo literatura e não sociologia ou história, como também nos diz Le Goff, na segunda frase de sua resposta, reforçando o seu compromisso como historiador.

No tocante a esse aspecto da abordagem biográfica, Levi indica algumas tendências que vêm sendo utilizadas, principalmente por historiadores, procurando estabelecer alguns tipos de biografias, e que remetem à tensão entre trajetória individual e sociedade na construção de uma biografia. O primeiro tipo, que denominou “*biografia modal*”, é aquele em que a biografia individual é considerada uma variante estrutural, uma disposição individual, no sentido que lhe dá Bourdieu, de um “*estilo próprio de uma época ou de uma classe*”, que, no entanto, é tomada como “*exemplo modal*”, empiricamente construído, de uma determinada estrutura social (Levi, 1996, pp. 174-175).

No segundo tipo, o contexto é tomado para explicar a “*singularidade das trajetórias*”, entendendo-se aqui que o contexto social e histórico elucida os próprios acontecimentos particulares ou, de outra forma, preenche “*lacunas documentais*” do biografado. Segundo Levi, esse tipo de biografia entende que “*qualquer que seja sua originalidade aparente, uma vida não pode ser compreendida unicamente através de seus desvios ou singularidades, mas ao contrário, mostrando-se que cada desvio aparente em relação às normas ocorre em um contexto histórico que o justifica*” (Levi, 1996, p. 176). Conclui que essa perspectiva resulta numa posição de equilíbrio entre o individual, o específico de uma trajetória, e o sistema social, considerado na sua totalidade.

Finalmente, um terceiro tipo, quando a biografia é utilizada para explicar o contexto, mas não como um caso modal, estatisticamente regular, e sim como um “*caso extremo*”, que, transversalmente, também explica esse contexto, e, nesse sentido, indica quais são as particularidades de uma experiência particular, tomada como atípica, mas que, ao mesmo tempo, indica as possibilidades de ação do indivíduo em uma determinada estrutura. O caso mais exemplar, citado por Levi, é a conhecida biografia do moleiro Menocchio de Carlo Guinzburg, na qual é analisada “*a cultura popular através de um caso extremo*” (Levi, 1996, pp. 176-177).

Esses tipos, considerados por Levi, vêm problematizar algumas oposições que emergem quando consideramos a abordagem biográfica: entre aspectos sócio-estruturais e subjetivos (Bertaux); objetividade e subjetividade (Becker); e, acrescentaria, entre fato e ficção.

Nesse sentido, esse aspecto da abordagem biográfica, o que informa o social, levantado nos três tipos abordados por Levi, tenderia a focar mais a análise do contexto social que o indivíduo, mais a estrutura social que a ação do sujeito, reforçando mais a objetividade do cientista social ou historiador no trato do material recolhido que a subjetividade do biografado, entendendo a biografia como fato e não como ficção. É por isso que se torna necessário estabelecer distinções com a literatura que faz uso de biografias: ela seria o lugar da subjetividade e da ficção, presente na fala de Le Goff, e, mais precisamente, nas considerações de Becker (1986).

O segundo aspecto da narrativa biográfica é que ela constitui uma evocação do sujeito. As biografias escritas pelo filósofo Sartre revelam o sentido que dá a elas, expresso na sua frase: *“O importante não é o que fizeram de nós, mas o que nós fazemos com que fizeram de nós”* (apud Eribon, 1996, p. 20). A abordagem biográfica, ao se concentrar em uma experiência singular, é também uma evocação do sujeito. Trata-se, aqui, de pensar o aspecto subjetivo da biografia, já que a narrativa biográfica contém muito da interpretação do sujeito que é biografado na sua relação com o contexto social que o cerca.

O *“tipo objeto sociológico”* que se circunscreve nesse aspecto, segundo Bertaux, não é o da biografia tomada como explicação de sociedade, em seus aspectos mais estruturais, mas em oposição, nas suas próprias palavras, *“les chercheurs s’attachent ici à dégager des complexes de valeurs et de représentations qui existent d’abord au niveau collectif avant de s’emparer plus ou moins totalement des subjectivités”* (Bertaux, 1980, p. 204). O que se quer estudar são os fenômenos sociossimbólicos, concentrando-se mais atenção na ação individual que na estrutura social.

Esse aspecto da abordagem biográfica tenderia a focar, em oposição ao outro que toma a biografia para informar o social, mais o indivíduo que o contexto social, mais a ação do sujeito que a estrutura social, reforçando mais a subjetividade do biografado que a objetividade do pesquisador, pois é a representação do sujeito que deve ser levada em conta. Todavia, esse outro aspecto novamente nos conduz às oposições entre indivíduo e sociedade, sujeito e estrutura social, objetividade e subjetividade.

Problematizemos novamente essas oposições pensando juntamente com Bourdieu e sua noção de trajetória.

Em seu ensaio *“A ilusão biográfica”* Bourdieu abandona o pressuposto de que uma vida é *“como um conjunto coerente e orientado que pode ser apreendido como*

expressão unitária de uma intenção subjetiva e objetiva, de um projeto” (Bourdieu, 1996, p. 184). Considerando que uma vida não é um fim em si mesma, e, portanto, não tem um sentido único, Bourdieu constrói a sua noção de trajetória *“como uma série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo) num espaço ele próprio um devir submetido a incessantes transformações”* (Bourdieu, 1996, p. 189). Assim, as trajetórias definem-se como *colocações e deslocamentos* no espaço social, mais precisamente, *“nos estados sucessivos da estrutura da distribuição das diferentes espécies de capital que estão colocados em jogo no campo considerado”* (Bourdieu, 1996, p. 190).

Essa noção de trajetória nos faz abandonar a idéia de que uma vida possa ser compreendida como uma cadeia de acontecimentos *“sem outros vínculos que não a associação a um sujeito”* (Bourdieu, 1996, p. 189). Tal noção, podemos pensar, pretende dar conta de romper com as dicotomias entre ação e *habitus*, posição e disposição, indivíduo e sociedade, proposta recorrente no conjunto da obra de Bourdieu.

Mas o que é mais importante aqui é que essa noção de trajetória possibilita que consideremos as inter-relações que existem entre o aspecto da abordagem biográfica anteriormente considerado, o que informa sobre o social, e esse que fala sobre o sujeito.

Voltemo-nos agora para o terceiro aspecto da abordagem biográfica, aquele que investiga a relação entre o biografado e o autor. Crapanzano, ao descrever sua biografia sobre o marroquino Tuhami, define-a como um *“experimento”*, evocando que o seu texto é, antes de tudo, o produto de um encontro etnográfico. A biografia de Crapanzano remete para o terceiro aspecto da abordagem biográfica: ela é uma interpretação, resultado da interação entre o biografado e o biógrafo. Esse aspecto vem evocar, particularmente, as oposições entre objetividade e subjetividade, entre a biografia como fato ou ficção, aproximando-a, por vezes, de um texto literário.

Continuemos com o pensamento de Crapanzano para refletir esse aspecto da abordagem biográfica. Para o antropólogo, a história de vida *“is the result of a complex self-constituting negotiation. Is is the product (at least, from the subject’s point of view) of an arbitrary and peculiar demand from another – the anthropologist”* (Crapanzano, 1980, pp. 955-956). Mas, além disso, a história de vida, geralmente construída a partir de uma entrevista, é transformada em um texto, e, portanto, *“... carries with it all the ontological and epistemological burdens of the text”* (Crapanzano, 1980, p. 957). Assim, uma história de vida é um texto, que tem uma estrutura narrativa, subordinada às regras de linguagem. E sintetiza Crapanzano sobre *“Tuhami”*: *“Above all ‘Tuhami’ both as text and as a fellow human being enables me to raise the*

problematic of the life history and ethnographic encounter” (Crapanzano, 1980, p. 957). Podemos dizer, ainda, que “*Tuhami*”, a biografia, é um pretexto para Crapanzano falar desse encontro e do próprio fazer antropológico.

O “*Tuhami*” de Crapanzano filia-se a outro tipo de biografia que Levi atribui como sendo tributária à hermenêutica, a que se aproxima da antropologia interpretativa norte-americana. Segundo o autor, esse tipo de biografia salienta o “*ato dialógico*” no seio de uma “*comunidade de comunicação*” – aquela antropologia a que Crapanzano se filia teoricamente. Nesse sentido, a biografia é considerada em seu conteúdo “*intrinsecamente discursivo*”, em que “*não se consegue traduzir a natureza do real*” e, por isso, “*somente pode ser interpretado, de um modo ou de outro*” (Levi, 1996, p. 178). E considera ainda: “*O debate sobre o papel da biografia na antropologia tomou um rumo promissor, porém perigosamente relativista*” (Levi, 1996, p. 178).

Mesmo considerando esse perigo relativista de que fala Levi, a aproximação com a hermenêutica, todavia, trouxe outra problemática à abordagem biográfica, pondo à tona duas questões: a primeira, que uma biografia é uma forma de narrativa e deve ser também interpretada como tal; e a segunda, a questão da autoria, a do biógrafo que narra, e o quanto dessa narrativa contém a sua própria interpretação da vida da outra pessoa, o biografado, resultado da interação que se estabelece entre os dois. E essas duas questões colocam em xeque a objetividade exacerbada decorrente da idéia da biografia considerada apenas como fonte de informação, e também a subjetividade extremada, quando se coloca uma trajetória individual como possibilidade de interpretação única, a do sujeito que narra.

Tal qual Crapanzano (1980, 1984), as narrativas biográficas são construções textuais que revelam a dimensão do encontro entre os sujeitos. Assim, não basta compreender o que é narrado ou quem faz a narrativa, mas também é necessário compreender como se constrói a narrativa no momento do encontro do pesquisador com sujeitos. E, com isso, possibilitar que as narrativas alarguem a experiência cognitiva por meio de conhecimentos compartilhados com outras subjetividades inseridas nas fronteiras de campos de saberes aparentemente distintos, o científico/acadêmico e o da experiência da vida do outro.

Assim, a abordagem biográfica a um só tempo permite: informar sobre contextos sociais, evocar subjetividades distintas e revelar a dimensão intersubjetiva entre os sujeitos e o pesquisador. Mas quais implicações epistemológicas podem decorrer ao se tomar essa abordagem em seus diferentes aspectos para construir

conhecimento? Tomemos como foco analítico a noção de experiência para, em seguida, responder esta pergunta.

2. Experiência, um termo presente

A abordagem biográfica constitui uma tessitura de experiências vividas e narradas pelos sujeitos. As suas histórias constroem emoções, reflexões, imagens, reflexões, pensamentos, desejos e significados acerca de suas vidas - enfim, experiências vividas. A experiência é um termo – epistemologicamente – presente na dimensão biográfica, diferentemente da crítica que Thompson (1981) faz sobre a ausência do termo nas análises do estruturalismo marxista, sobretudo nas de Althusser. Thompson (1981) define esse termo ausente, a experiência:

“Os homens também retornam como sujeitos, dentro desse termo – não como sujeitos autônomos, ‘indivíduos livres’, mas como pessoas que experimentam suas situações e relações produtivas determinadas como necessidades e interesses e como antagonismos, e em seguida ‘tratam’ essa experiência em sua ‘consciência’ e ‘cultura’ (as duas expressões excluídas da prática teórica) das mais complexas maneiras (sim, ‘relativamente autônomas’) e em seguida (muitas vezes mas nem sempre, através das estruturas de classe resultantes) agem, por sua vez, sobre sua situação determinada.” (Thompson, 1981, p. 182)

As subjetividades constituídas nas narrativas biográficas evocam, tal como Thompson entende o conceito da experiência, as ações e os posicionamentos dos sujeitos diante de situações determinadas pelas condicionantes estruturais. Pensemos um pouco mais a partir da noção dessa experiência nas relações entre subjetividade e ação, e estrutura e condicionamento.

A noção de experiência implica em considerar as mediações entre o sujeito e a sociedade. Nesse sentido, para Dubet (1996), a experiência *“é uma atividade cognitiva, uma maneira de construir o real e, sobretudo, de o verificar, de o experimentar”* e *“constrói fenômenos a partir de categorias do entendimento e da razão, é uma maneira de construir o mundo”* (Dubet, 1996, p. 95). Assim, aproximando-se de Thompson, para Dubet a experiência é um agenciamento do sujeito, um momento da subjetividade diante do mundo social, entendendo-a *“como uma atividade social gerada pela perda da adesão à ordem do mundo, ao logos”* (p. 101). Todavia, ela *“não é expressão de um sujeito puro mas é socialmente construída”* (p. 103), pois somente *“é reconhecida pelos outros, eventualmente partilhada e confirmada*

por outros (p. 104)”. Portanto, “*essa subjetividade não é pura questão individual*” (p.99).

Mas, a noção de experiência implica também em rupturas. Para Dubet, a experiência social é crítica porque implica num trabalho reflexivo do sujeito diante do papel das normas sociais. Quando explica, quando justifica suas atitudes diante dos outros, o sujeito reflete sua experiência. Segundo o autor: “*Por outras palavras, os atores não vivem na adesão imediata e no testemunho puro, pois reconstroem sempre uma distância em relação a eles próprios. O trabalho reflexivo é tanto mais intenso quanto os indivíduos se acham em situações que não são inteiramente codificadas e previsíveis*” (Dubet, 1996, p. 106). Dubet conclui que a experiência é subjetiva e social, e também crítica.

Desse modo, as experiências vividas evocadas nas narrativas biográficas são, antes de tudo, uma reflexão acerca do contexto social, ainda que essa idéia implique em já considerar a forma como essas experiências vividas são postas: elas são experiências narradas. Discuto isso mais adiante. O que é importante agora frisar é que a abordagem biográfica revela experiências vividas que são, ao mesmo tempo, no sentido de Dubet, subjetivas, sociais e críticas.

Contudo, essa abordagem permite “*historicizar a experiência*” a partir do que propõe Scott (1999):

“Precisamos dar conta dos processos históricos que, através do discurso, posicionam sujeitos e produzem suas experiências. Não são os indivíduos que têm experiência, mas os sujeitos é que são constituídos através da experiência. A experiência, de acordo com essa definição, torna-se não a origem de nossa explicação, não a evidência autorizada (porque vista ou sentida) que fundamenta o conhecimento, mas sim aquilo que buscamos explicar, aquilo sobre o qual se produz conhecimento. Pensar a experiência dessa forma é historicizá-la, assim como as identidades que ela produz.” (Scott, 1999, p. 27)

Portanto, para a autora, “*a experiência é a história do sujeito*” (Scott, 1999, p. 42). Partindo dessa perspectiva, entendo que as narrativas biográficas constroem os sujeitos por meio de suas experiências vividas, configurando suas identidades pessoais e coletivas. Vale ressaltar, contudo, que não se trata de pensar que os sujeitos são construídos aprioristicamente por essas identidades, uma posição que vai de encontro à crítica de Bourdieu (1996) de que uma vida não tem um sentido único – tal seria uma ilusão biográfica. Porque, acredito, seria analiticamente também ilusório entender uma vida a partir de uma construção identitária, pois ao contrário as experiências vividas constroem essas identidades ao longo do tempo.

A abordagem biográfica constitui, portanto, construções de experiências e de sujeitos que nelas se posicionam e se constituem. Mas, tratam-se de experiências vividas que tomam a forma de narrativas. Dessa forma, consideramos tal como Bruner (1986) que entende o conceito de experiência incorpora à forma como ela se expressa:

“The relationship is clearly dialogic and dialectic, of experience structures expressions, in that we understand other people and their expressions on basis of our own experience and self-understanding. But expressions also structure experience, in that dominant narratives of a historical era, important rituals and festivals, and classic works of art define and illuminate inner experience. As we well know, some texts are more intense, complex, and revealing than everyday experience and thereby enrich and clarify that experience. More simply put, experience is culturally constructed while understanding presupposes experience.” (Bruner, 1986, p. 6).

Aqui é preciso pontuar a discussão entre a experiência vivida e a que é narrada. Kofes (2001) entende que *“a narrativa, se não espelha a realidade a configura, e, finalmente suscita experiência”* (Kofes, 2001, p. 125). E isso abre, segundo Kofes (2001), para uma discussão acerca da correspondência entre uma *“vida como é vivida”*, *“uma vida como experiência”* e *“uma vida como é contada”*, ou seja, uma *“narrativa influenciada pelas convenções culturais do contar, pela audiência e pelo contexto social”* (p. 153-154). Já, Ricouer (1991) remete para a constituição de uma identidade narrativa na dimensão biográfica, que revela uma identidade do personagem estruturada na narrativa por meio da construção de um si (mesmidade) e um *“outro-si”* (ipseidade).

Os sujeitos são, pois, narradores que contam suas histórias de vida constituindo a si mesmos à medida que constroem suas estruturas narrativas. Aproximemo-nos ao que Benjamin (1985) esclarece sobre isso. Em *“O Narrador”*, Benjamin entende que a narrativa é um texto construído com base na relação com aquele que ouve. Ao narrador interessa, antes de tudo, convencer o ouvinte, seja através de um conselho, de uma maneira de agir ou de uma *“lição de vida”*. A figura do narrador, sobretudo a arte daquele que narra, é central para compreender uma narrativa:

“... o narrador figura entre os mestres e os sábios. Ele sabe dar conselhos: não para alguns casos, como provérbio, mas para muitos casos, como o sábio. Pois pode recorrer ao acervo de toda uma vida (uma vida que não inclui apenas a própria experiência, mas em grande parte a experiência alheia. O narrador assimila à sua substância mais íntima aquilo que sabe por ouvir dizer). Seu dom é poder contar sua vida; sua dignidade é contá-la inteira. O narrador é o homem que poderia deixar a luz tênue de sua narração consumir completamente a mecha de sua vida” (Benjamin: 1985, p. 221).

No sentido benjaminiano, uma narrativa dirige-se a um ouvinte. Assim, é importante compreender como se narra, pois a narrativa é reveladora do modo com que os sujeitos influenciam quem ouve sobre uma tomada de posição. Trata-se, pois, de pensar que a *“a arte de narrar é a arte de trocar experiências; por experiência ele [Benjamin] entende não a observação científica mas o exercício popular da sabedoria prática”* (apud. Ricoeur, 1991, p. 193).

A esse respeito, pode-se refletir o quanto é possível apreender com essa troca de experiências sobre o que é vivido e o que é narrado, partilhando o argumento de Kofes (2001) que considera numa discussão com Bourdieu (1996) e a idéia desse autor de que a vida como um sentido único é uma ilusão: *“Seria, esta sim, uma ilusão ignorar no trato biográfico a mediação da narração. Isto é, tomarmos uma narrativa de vida como a vida vivida”* (Kofes, 2001, p. 124).

Considerando a experiência vivida e narrada como um termo presente na abordagem biográfica, que implicações decorrem ao se tomar uma vida como foco para produção de conhecimento?

3. Aprendizagem entre o vivido e o narrado

Uma primeira implicação epistemológica que estabeleço é a que de que a experiência consiste num processo de aprendizagem.

Parto da idéia de que a aprendizagem se dá nos espaços da sociabilidade humana e da cultura. Segundo Simmel (1983), a sociabilidade é *“uma forma autônoma ou lúdica de socialização”* na medida em que possibilita constituir uma *“interação plena entre iguais”*. Nessa interação, os indivíduos são motivados tanto por *“seus propósitos e conteúdos objetivos”*, quanto *“por aspectos subjetivos e inteiramente pessoais”* que são os *“limiares da sociabilidade”* (Simmel, 1983, p. 171).

Na perspectiva de Simmel, para Gusmão (1999), o campo da aprendizagem tem como elementos centrais a sociabilidade humana, mais que a socialização no sentido durkheimiano, ao que agrega a cultura: *“trata-se de um território comunicante e interativo, locus de mediação entre individualidade e sociedade, entre expressão e identidade, cuja relação é possibilitada pela cultura como esfera social propiciadora de trocas e capacitadora de diferentes tipos de vida”* (Gusmão, 1999, p. 52). Dessa mesma forma, o antropólogo Vieira (1995) entende que o processo educativo está mediado pela *“mentalidade”* ou *“mente cultural”* que *“constitui um sistema de referências de um grupo”* e é construída por todas *“as*

experiências da vida social e pelas opções que se tomou ao longo do percurso biográfico.” (Vieira, 1995, p. 127)

A experiência é um *locus* analítico em que podemos pensar a aprendizagem construída nas esferas da sociabilidade e da cultura. Ainda, se pensarmos que a noção de experiência também implica em rupturas e (re)posicionamentos dos sujeitos diante do mundo, tal como refere Dubet (1996), e que a “*experiência é a história do sujeito*”, no sentido de Scott (1999), a experiência é uma forma de aprendizagem na qual o sujeito refaz o seu mundo e, ao mesmo tempo, (re)constrói a si mesmo.

As experiências vividas, contadas nas histórias de vida, evidenciam um processo de aprendizagem na medida em que evocam sentimentos, emoções, reflexões, imagens, reflexões, pensamentos, desejos e significados. Trata-se de uma aprendizagem que se configura em distintos lugares de sociabilidades como, por exemplo, no trabalho, na família, na Igreja e na escola, onde os sujeitos vão se posicionando ao longo do tempo.

Contudo esse processo de aprendizado se reconfigura quando a experiência vivida é narrada. A narrativa de uma vida supõe uma reflexão sobre ela, que se apreende quando se narra. É desse modo que, para Vieira (1995, 1996, 1999), o sujeito faz um exercício de reflexão sobre si ao construir sua história de vida e, com isso, realiza uma aprendizagem. O autor propõe o *método biográfico comparativo* para a formação de professores, que engloba três dimensões formativas: a “*auto-análise biográfica*”, em que o professor faz uma reflexão própria sobre sua biografia; a “*etno-análise biográfica*”, em que é levado a perceber as inter-relações entre o “*eu*” e o “*nós*”, construindo suas semelhanças culturais entre as histórias de vida do grupo (ou dos grupos) a que pertence; finalmente, a “*antropo-análise biográfica*” em o professor compara o “*eu*” e o “*nós*” a um “*outro*” aparentemente distante, que tem uma história de vida distinta relacionada a outros universos culturais que não são os mesmos que o do professor.

Quando os sujeitos constroem suas narrativas, realizam uma re-elaboração constante sobre o que eles viveram. Nesse momento, fazem uma reflexão sobre o vivido, o que permite que refaçam o seu mundo e se reconstruam nele como sujeitos. Portanto, com a experiência narrada, eles também aprendem.

Mas essa aprendizagem se dá no momento do encontro entre os sujeitos e o pesquisador. É sobre essa relação que discorro a seguir.

4. Intersubjetividade e autobiografia

Há uma segunda implicação epistemológica ao se tomar, analiticamente, as noções de experiência e de aprendizagem para compreender a dimensão biográfica: trata-se da intersubjetividade, aquela estabelecida entre os sujeitos que narram e o pesquisador, quando se configura um ato dialógico. Trata-se, no sentido que atribui Cardoso de Oliveira, da “*fusão de horizontes*”: “*o que significa que [na relação dialógica] o outro é igualmente estimulado a nos compreender. Isso ocorre graças à ampliação do próprio horizonte da pesquisa, incorporando, em alguma escala, o horizonte do outro.*” (Cardoso de Oliveira, 1998, p. 68).

A abordagem biográfica implica em considerar uma dimensão intersubjetiva na medida em que se interpõe, na pesquisa e no processo de construção do conhecimento, a biografia do pesquisador que está presente na construção das narrativas biográficas dos sujeitos.

Na perspectiva da antropologia, a relação do pesquisador com o Outro tem sido problematizada sobretudo a partir da interação que se estabelece no trabalho de campo, como propõe Grozzi (1992) ao “*pensar a diferença como inerente à própria relação subjetiva que vai marcar indelevelmente cada Trabalho de Campo, experiência marcada pela biografia do autor*” (Grozzi, 1992, p. 8). Nesse sentido, Smith (1993), ao problematizar o conceito de sujeito nas narrativas biográficas, utiliza a expressão “*sujeitos colaboradores*” para remeter à intersubjetividade que marca a presença do autor no texto em que “*Often their stories emerge through acts of colaborration that bring togheter who narrates her or his story orally and another subject who collects, transcribes, organizes, and edits that story*” (Smith, 1993, p. 398). Discutamos mais as relações entre autor e o sujeito.

Okely (1992) problematiza a questão da subjetividade ao estabelecer relações entre antropologia e a autobiografia. Ele propõe que o antropólogo esclareça sobre sua experiência de campo e exponha sua posição de uma forma crítica por meio da prática da reflexividade. Já, Callaway (1992) apresenta uma definição de reflexividade na prática antropológica como “*in its narrower focus, as the self-reflection anthropologist engaged in the interpersonal relations of fielwork and, in its broader sense, as a searching pobe of the discipline itself, questioning the conditions and modes of producing knowledge about other cultures*” (Callaway, 1992, p. 32). Ao exercitar essa prática reflexiva, o antropólogo enuncia sua condição na pesquisa de campo assim como no processo de produção do conhecimento, o que o permite refletir

acerca de como ele se modifica e é modificado pela pesquisa, numa perspectiva autobiográfica.

A intersubjetividade possibilita ampliar, analiticamente, a discussão sobre a experiência e a aprendizagem. A dimensão autobiográfica da experiência de pesquisa e de produção de conhecimento, entendida como resultado do encontro com os sujeitos, permite que o pesquisador aprenda com eles, com suas experiências vividas e narradas. Assim, o processo de aprendizagem se dá entre o vivido, o narrado e, finalmente, pelo que é compreendido na dimensão intersubjetiva construída na experiência dialógica entre os sujeitos e o pesquisador.

Na verdade, nos dizeres de Gusmão (2003), é possível “*aprender a aprender*” com o Outro, tomando suas vidas como produção de conhecimento e de reflexão e, com isso, construir ao mesmo tempo uma reflexão autobiográfica e um conhecimento científico.

5. Considerações Finais

Consideremos dois últimos pontos com indicativos para refletir as possibilidades epistemológicas dos usos da abordagem biográfica. O primeiro ponto é o de que se a experiência, analiticamente presente nessa abordagem, está associada a um processo de aprendizagem, decorre daí que os sujeitos constroem saberes, entre o vivido e o narrado, que mediados pela dimensão da cultura, tal como considera Galli:

“Segundo Galli, [o saber] é uma dimensão social holística que vai do caos à ordem, para outra ordem; que se desconstrói com bases em pressupostos construtivos, postos em movimento pela experiência e pela vivência. Trata-se da fruição da cultura, que gera um fazer reflexivo e crítico, por vezes chamado educação.” (Apud. Gusmão, 1997:14) [Grifo nosso]

Um segundo ponto é o de que a experiência intersubjetiva na dimensão biográfica possibilita situá-la na fronteira entre saberes distintos: os dos sujeitos que narram sua experiência de vida, e do saber ancorado no conhecimento científico e na experiência autobiográfica do pesquisador. Esses dois pontos permitem refletir sobre o fazer científico.

Aproximemo-nos das reflexões de Santos (2000) acerca da emergência de outro paradigma científico - “*o paradigma de uma ciência prudente*” - e de um paradigma social - “*o paradigma de uma vida decente*”. Para Santos (2000), esse paradigma funda-se na idéia de que “*o sujeito, que a ciência moderna lançara na*

diáspora do conhecimento irracional, regressa investido da tarefa de fazer erguer sobre si uma nova ordem científica” (Santos, 2000, p. 43). Decorre daí que *todo o conhecimento científico é auto-conhecimento* (p. 53) e, desse modo, *“ensina a viver e traduz-se em um saber prático”* (p. 55) e que *“todo o conhecimento científico visa constituir-se em senso comum”*. Essa forma de conhecimento é a base de um paradigma emergente que incorpora *“outras racionalidades”* (p. 57). Em suas próprias palavras, Santos (2000) afirma:

“... a ciência pós-moderna sabe que nenhuma forma de conhecimento é, em si mesma, racional; só a configuração de todas elas é racional. Tenta, pois, dialogar com outras formas de conhecimento deixando-se penetrar por elas. A mais importante de todas é o conhecimento do senso comum, o conhecimento vulgar e prático com que no quotidiano orientamos as nossas acções e damos sentido à nossa vida. (...) É certo que o conhecimento do senso comum tende a ser um conhecimento mistificado e mistificador mas, apesar disso e apesar de ser conservador, tem uma dimensão utópica e libertadora que pode ser ampliada através do diálogo com o conhecimento científico.” (Santos. 2000:55-56)

No sentido de Santos (2000), entendo que é possível buscar uma compreensão científica sobre os saberes que os sujeitos constroem nas narrativas biográficas. Trata-se, pois, de compreender a experiência do Outro e aprender com ela. E, nesse sentido, construir um conhecimento entre os saberes que envolva distintas *“racionalidades”*, tanto dos biografados como o do autor.

Mas, como se trata de um processo que envolve reflexão, implica que esses saberes dizem algo sobre o próprio processo de aprendizagem. Uma abordagem biográfica constrói suas pedagogias na medida em que nos faz pensar sobre como se pode aprender com a própria experiência vivida. Vieira (1999) analisa que as práticas educativas estiveram historicamente ancoradas em um modelo de ciência, ligado *“ao paradigma cartesiano do primado da razão”* (Vieira, 1999, p. 83), e que esse paradigma marcou a pedagogia escolar e a educação em geral, marcadas pela forma dualista de ver o mundo: entre *“razão/emoção, racional/irracional, instruído/analfabeto”* (p. 84). Assim considera como se configurou essa educação pautada na ciência cartesiana:

“Aprendemos a pensar com a cabeça e não com o coração; desumanizamos, desantropomorfizámos a ciência e tal teve também efeitos directos na educação... Ensinou-se a ler, contar, escrever – educação essencialmente racionalista, cognitivista. Não era importante a educação dos sentidos, o pensar as emoções, o afecto entre docente e discente; a relação... Claro que aqui e ali forma surgindo os dissidentes que propuseram as pedagogias activas versus magister dixit.” (Vieira, 1999, p. 84)

Contudo, biografias podem constituir pedagogias da experiência, de modo distinto considerada por Vieira (1999), pois revelam outras formas de aprender por meio dos afetos, dos sentidos, das reflexões, das percepções, das imagens, dos pensamentos, desejos. E assim o fazem sem dissociar educação e vida, o que Paulo Freire - um dissidente - nos fazia compreender, como lembra Vieira (1999) ao citá-lo:

“Podemos conhecer aquilo que conhecemos colocando-nos por trás das nossas experiências passadas e precedentes. Quanto mais formos capazes de descobrir porque somos aquilo que somos, tanto mais será possível compreender porque é que a realidade é o que é” (apud. Vieira, 1999:144).

Em suma, a abordagem biográfica nos possibilita descobrir quem somos no processo de aprendizagem que é a própria vida, e desse modo ter alguma compreensão da realidade que nos cerca, tal como um dia nos mostrou Paulo Freire.

Referências bibliográficas

BECKER, H. S. Biographie et mosaïque scientifique. In. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, n^{os} 62/63, pp. 105-110, jun. 1986.

BENJAMIN. W. O Narrador. In. BENJAMIN. W. *Magia e Técnica, Arte e Política*: ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas, vol. 1. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BERTAUX, D. L'Approche biographique. Sa validité méthodologique, ses potentialités. *Cahiers Internationaux de Sociologie*, LXIX, n^o 2, Juil.-Déc., 1980.

BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In. AMADO, J. e FERREIRA, M. M. *Usos e abusos da História oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

BRUNER, E.M. Experience and its expressions. In. BRUNER, E.M. e TURNER, V.W. *The anthropology of experience*. Chicago: Illinois Books, p. 3-30, 1986.

CALLAWAY, H. Ethnography and experience: gender implications in fieldwork and texts. In. CALLAWAY, H e OKELY, J. (org) *Anthropology and autobiography*. London/Neew York: Routledge, 1992.

CARDOSO D E OLIVEIRA, R. *O trabalho do antropólogo*. São Paulo: UNESP, 1998.

CRAPANZANO, V. Life-Histories. In. *American Anthropologist*, n^o 86, pp. 953-965, 1984.

_____. *Tuhami: portrait of a moroccan*. The University of Chicago Press, 1980.

DUBET, F. *Sociologia da Experiência*. Instituto Piaget, Lisboa, 1996.

ERIBON, D. *Michel Foucault e seus contemporâneos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

GROZZI, M.P. Na busca do “outro” encontra-se a “si mesmo”: repensando o trabalho de campo a partir da subjetividade do(a) antropólogo(a). In. *Trabalho de campo e subjetividade*. Florianópolis: UFSC, 1992.

GUSMÃO, N. M. M. Antropologia e educação: origens de um diálogo. In. *Cadernos CEDES*, ano XVIII, no. 43, dez, 1997.

_____. Linguagem, cultura e alteridade: imagens do Outro. In. *Cadernos de Pesquisa no. 107*, São Paulo: Fundação Carlos Chagas, jul/1999.

_____. Os desafios da diversidade na escola. In. GUSMÃO, N. M.M (org.) *Diversidade, cultura e educação: olhares cruzados*. São Paulo: Biruta, 2003.

GUSSI, A. F. O negócio de ser ‘Néstor Perlongher’: um fragmento biográfico. In. *Cadernos do IFCH*, no. 31, p. 81-98, 2004.

_____. *Os norte-americanos do Brasil: identidades no contexto transnacional*. Editora do Centro de Memória/UNICAMP, 1997.

_____. Pedagogias da experiência no mundo do trabalho: narrativas biográficas no contexto de mudanças de um banco público estadual. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas, 2005.

_____. Reflexões sobre a abordagem biográfica, “Poucas e Boas” e Woody Allen. In. *Cadernos de Antropologia e Imagem*, vol. 14, p. 23-38. dez. 2002.

KOFES, S. *Uma trajetória, em narrativas*. Campinas: Autores Associados, 2001.

_____. Experiências sociais, interpretações individuais: histórias de vida, suas possibilidades e limites. In. *Cadernos Pagu*, nº 3, pp. 117-142, 1984.

LEVI, G. Usos da biografia. In. In. AMADO, J. e FERREIRA, M. M. *Usos e abusos da História oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

OKELY, J. Anthropology and autobiography: participatory experience and embodied knowledge. In. CALLAWAY, H e OKELY, J. (org) *Anthropology and autobiography*. London/Neew York: Routledge, 1992.

RICOEUR, P. *O si-mesmo como um outro*. Campinas: Papyrus, 1991.

SANTOS, B. S. *Um discurso sobre as Ciências*. Porto: Afrontamento, 2000.

SCOTT, J. Experiência. In. LAGO, M. C. et alli. *Falas de gênero: teorias, análises, leituras*. São Catarina: Ed Mulheres, 1999.

SIMMEL, G. Sociabilidade: um exemplo de sociologia pura ou formal. In. MORAES Fo. (org). *Georg Simmel*. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática, 1983, p. 165-181.

SMITH, S. Who’s talking/who’s talking back? The subject of personal narratives. In. *Signs Journal of women in culture and society*, vol. 18, no. 21, 1993.

THOMPSON, E.P. O termo ausente: a experiência. In. *A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar, p. 180-201, 1981.

VIEIRA, R. Da infância à adultez: o reconhecimento da diversidade e a aprendizagem da interculturalidade. In. ITURRA, Raúl (org.) *O saber das crianças*. Cadernos ICE. Lisboa, Instituto das Comunidades Educativas, 1996.

_____. Mentalidades, escola e pedagogia intercultural. In. *Educação, Sociedade & Culturas*, no 4, 1995.

_____. Da multiculturalidade a educação intercultural: a Antropologia da Educação na formação de professores. In. *Educação, sociedade & culturas*, no. 12, 1999.